

# Stadium

N.º 101 ★ 8 DE NOVEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

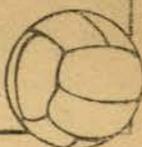


**BAPTISTA**, do Atlético

excelente defeso, que juntou no domingo mais uma boa exibição às produzidas durante a época



# NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

VALORES

## Sangue novo

no futebol de Lisboa

**ROGERIO**, do *Benfica*, extremamente de fino recorte, não é propriamente o que se poderá chamar um valor novo no futebol de Lisboa. Não há dúvida, porém, que se trata de um elemento das novas gerações.

Jogador muito disculpado, vivamente apreciado por alguns críticos e técnicos, dado o seu processo de jogo, especializado na ponta, com dribling fácil, boa colaboração com o inferior, inspiração do lance e poderoso remate, é também um jogador combatido por muitos que vêem, na subtilidade e na serenidade das suas interações, um mal sob o ponto de vista competitivo.

Não há dúvida, no entanto, o que se trata de um valor positivo, que suficientemente se tem destacado.

Já de Carlos Ferreira, o que a linha actualmente na extremidade direita do Belenenses, se poderá afirmar, que é um jogador novo na idade e novo no futebol. Subindo ao primeiro grupo pelo afastamento de Frankim, uma habilidade que possivelmente se perdeu para todo o sempre e de quem nunca mais ouvimos falar, o rapaz, se não correspondeu inteiramente à expectativa, tem-se comportado de forma airosa e afirmando qualidades. Nem admirando o seu fraco poder físico e as suas verduras de jogo. Insistia-se na ideia formulada há muito tempo por um crítico da especialidade: É a jogar que se aprende a jogar. O futebol de Lisboa precisa de sangue novo — cumprindo-nos, por consequência, acarinharmos os novos valores que surgem no panorama da bola lisboeta.

## Lembra-nos que...

A 2.ª categoria do Belenenses é a única que joga no campo de treinos das Salésias. A honra da relva é só para a reserva e 1.ª categoria...

## Campos de treino e campos de competição

**F**ALAMOS outro dia da bola de cautehouc. Ora, a bola rola sobre o terreno e a ciência de saber tomar posição no campo é, afinal de contas, tudo, ou quase tudo.

Já nem vale a pena referir o velho problema dos campos relvados, porque hoje em dia não há ninguém na bola que não sinta a sua necessidade. De resto, trata-se mesmo de uma preocupação já acolhida pela própria lei. Nestas condições, façamos de conta que em Portugal só há terrenos de relva, e encaminhem-nos noutro sentido, naquele que desafiámos. Mesmo porque, em relação ao assunto a debater, a relva nem põe nem tira. O que há a dizer refere-se a qualquer espécie de rectângulos, os calvos como os de cabeleira.

As dimensões do campo não constituem pormenor de somenos. Jogar num rectângulo de 120 por 90 metros de largura, ou num campo de 90 por 45 metros, não pode ser, nem é, evidentemente, a mesma coisa.

Em campos de pequenas dimensões — o choque dá-se a todo o momento e a habilidade ou arte do indivíduo será implacavelmente suplantada pela força e pelo jogo de entrada dura. Nos

terrenos largos, já assim não acontecerá. A habilidade desbaraa-se facilmente da força. Esta, quando batida, não tem tempo de recuperação.

É por isso mesmo que os campos pequenos favorecem as equipas à base de energia. De certo modo, o jogador de classe iguala-se ao homem vulgar, em terrenos desta natureza. O praticante tem sempre tempo para a emenda, corrigindo os erros e os seus enganos.

Todos conhecemos exemplos que provam que assim é. Sabemos das enormes dificuldades porque têm passado as melhores equipas portuguesas em luta com adversários dispostos de terrenos figurados como caixas de fósforos. Toda a sua ciência se perde na energia do adversário, que consegue encontrar sempre a bola. O que se passa no nosso país sucede também lá fora — em Espanha, por exemplo. As dimensões dos campos de algumas equipas são o pior adversário dos grupos mais categorizados. Como lá fora se estudam estes problemas, devemos afirmar que os treinadores chegam a modificar o jogo da equipa quando se deslocam aos terrenos do corpo-a-corpo.

N.º 4 — Haverá um regulamento dos árbitros? Em caso afirmativo, rogo o obséquio de me enviar a cobrança.

(Júlio Manarte, de Orar.)

A pergunta é confusa. Há, evidentemente, um regulamento da Corporação dos árbitros. Supomos, no entanto, que o que o sr. Manarte pretende é um livro de regras: The Referee's Chart. Há uma edição da Federação de Futebol, de 1940-41, intitulada "Leis do Jogo", ao preço de 5\$00. Recentemente, o técnico Ribeiro dos Reis publicou "Futebol, divulgação das suas leis", que custa 12\$50. Diga-nos qual prefere e mandará-se-lhe a cobrança.

N.º 5 — Sendo um leitor assíduo da "Stadium" e tendo apostado em que a derrota de Portugal em Espanha, por 9-0, foi até 1938, peço-me diga a data exacta desse encontro e de todos os outros desastros entre os dois países.

(Zeferino Silva, de Lisboa.)

Estas as datas dos encontros entre Portugal e a Espanha, esclarecendo devidamente o assunto: em Madrid, a 18-12-1921, perdemos por 3-1; em Lisboa, a

## Há resposta para tudo...

17-12-1922, perdemos por 2-1; em Sevilha, a 16-12-1923, perdemos por 3-0; em Lisboa, a 17-5-1925, perdemos por 2-0; em Madrid, a 29-5-1927, perdemos, 2-0; em Lisboa, a 8-1-1928, empatámos, 2-2; em Sevilha, a 17-3-1929, perdemos por 5-0; no Porto, a 30-11-1930, perdemos por 1-0; em Vigo, a 2-4-1933, perdemos por 3-0; em Madrid, no campo de Chamartin, a 11-3-1934, perdemos por 9-0; em Lisboa, a 18-3-1934, perdemos por 2-1; em Lisboa, a 5-5-1935, empatámos 3-3; em Vigo, a 28-11-1937, ganhamos por 2-1; em Lisboa, a 30-1-1938, ganhamos por 1-0; em Lisboa, a 12-1-1941, empatámos 2-2; em Bilbao, a 16-3-41, perdemos por 5-1. As duas vitórias portuguesas, em 1937 e 1938, durante a guerra de Espanha, ao que parece não foram homologadas como encontros internacionais pela F. I. F. A.

N.º 6 — Qual a idade de Guilherme Espírito Santo? Qual o melhor interior-esquerdo portu-

Quando se advoga, hoje, em pureza, o jogo de acaso, esquece-se que ele ainda seria possível na faixa estreita dos campos mínimos, ou quasi, mas ninguém se lembra do reverso da medalha, isto é, que constituiria um desastre nos campos largos, que não dão tempo para a chamada recuperação. Ai, ou um homem do ataque está vigiado, ou poderá mover-se em condições de nada o importunar. Mas isto é outra ária que, a seu tempo, nos competirá tocar.

Por agora, queremos apenas significar a nossa estranheza por verificarmos que, ao falar-se em campo de treino, logo se lhe atribuem dimensões muito menores do que as habitualmente usadas.

Um exemplo: no projecto da remodelação sportinguista surgem o campo de jogos com 110 por 70 metros, medidas óptimas e próprias para os desafios internacionais, e o campo de treinos com 90 por 60 metros. Quere dizer: a equipa mover-se-á ordinariamente num terreno diferente, em tamanho, daquele em que terá de actuar. Quere dizer também que o clube vai buscar trabalhos por suas próprias mãos...

É não nos venham afirmar que esse campo é só para ginástica ou treino individual. Para isso serviria qualquer terreno, as próprias cabeceiras do rectângulo oficial.

Que se impõe? Que os teams treinem e disputem a competição nas mesmas condições, o que só se conseguirá quando o campo de treino for da mesma medida que o do futebol a sério.

guês? Há um sportinguista, meu conterrâneo, que afirma ser António Marques, afirmando eu que, pela sua alma clubista, é Teixeira.

(Joaquim Pinheiro, de Évora.)

Esprito Santo conta actualmente 25 anos, tendo nascido a 30 de Outubro de 1919.

António Marques e Teixeira são dois jogadores de mérito, mas diferentes no seu tipo de jogador. Quanto ao resto, pode muito bem suceder que nenhum dos dois seja o melhor interior-esquerdo português...

Muitas outras perguntas nos foram feitas o que responderemos pela ordem da sua recepção. Lembramos, no entanto, que, dado o âmbito desta página, só nos compete esclarecer o que se relacione com o futebol. No «Mundo da Bola» não se conhecem outros desportos. Mesmo esse...

# Análise da época de 1944

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

**C**OSTUMA ser neste capítulo da velocidade pura que encontramos sempre, na apreciação da actividade anual portuguesa, as marcas mais cotadas. Já diversas vezes expusemos a nossa interpretação do caso, que se filia em condições biológicas — para fazer uso de uma nova palavra muito em voga — e, praticamente, traduz os efeitos da habitual falta de persistência dos nossos rapazes, cujo treino é na generalidade insuficiente e por isso melhores resultados alcançam naquelas provas onde é menos decisiva a influência do regime de preparação sobre o rendimento das faculdades naturais.

A temporada finda fugiu um pouco à regra, porque os homens de velocidade pura não acusaram qualquer progresso e os seus tempos foram na generalidade fracos; exceptuam-se aqueles alcançados na pista do Lima, que deu novamente garantia do melhor rendimento.

O balanço do ano ofereceu-nos, no conjunto das diversas categorias, 43 corridas oficiais de velocidade pura, desde os 60 aos 200 metros.

Houve, portanto, actividade satisfatória, que deve ser apreciada dividindo as competições em dois grupos: provas para aspirantes e provas para consagrados.

Na primeira designação compreendemos os estreantes, principiantes e juniores dos clubes, a «Mocidade Portuguesa» e a F. N. A. T.; ao outro grupo pertencem os seniores, com as suas distâncias clássicas de 100 e 200 metros.

## A GENTE NOVA

Começemos por uma citação satisfatória: as três associações regionais fizeram disputar os seus campeonatos de estreantes em Lisboa venceu Jorge Machado (Sporting) em 7 s.; no Porto, Bizarro (Académico) em 7,6 s.; e em Coimbra o conhecido futebolista da Aca-

démica, António Maria Pereira, nos mesmos 7,6 s.

Numa das meias-finais do torneio da capital, que foi assinalada pela acção irregular de um juiz de partida inexperiente, o sportinguista Sebastião Camões creditou-se em 6,9 s., igualando assim o mínimo nacional dos 60 metros.

Nos campeonatos da «Mocidade» figurou a mesma distância, vencendo, no Provincial e no Nacional, Ramires Ramos (C. M.), em 7,3 s. e 7,2 s.

A corrida de 80 metros substituiu a precedente nos escalões superiores, principiantes, juniores, «Mocidade» (classe B) e F. N. A. T., no total de 12 competições, onde se averbam os seguintes melhores tempos:

9 s.: Machado (2 vezes), J. Silveira (2 vezes), e Narciso (M. P.);

9,1 s.: Romero Antelo (2 vezes);  
9,2 s.: Pais Dias, Carlos Mendonça, Manuel Moura, J. Silveira (2 vezes), J. Machado (2 vezes), e Romero Antelo (2 vezes).

Na distância superior, 150 metros, registam-se, para 9 corridas, as marcas superiores que seguem:

17 s.: Martins Ferreira (M. P.), J. Silveira (2 vezes) e Romero;

17,1 s.: Silveira, Mendonça e Passos (2 vezes);

17,2 s.: Silveira e Passos Romero (2 vezes).  
Nesta meia duzia de nomes figuram, com certeza, os futuros «ases» da especialidade

Jorge Machado, Joaquim Silveira, Romero Antelo, Carlos Mendonça e, em transição para as distâncias de maior metragem, Passos e Camões.

O «leñosito» Machado, apesar da sua pequena estatura, foi a melhor revelação da época; possui bom estilo natural, enorme passada para o seu compasso, muita energia e combatividade. Com mais um inverno de ginástica e a possibilidade de uns centímetros de crescimento, ficará apto a subir de categoria.

Joaquim Silveira tem ainda bastante a aprender; muito novo, demonstra grande fundo de classe mas o estilo é deficiente e a passada muito mais curta do que lhe é possível com os seus recursos. Energia moça e impressionante, óptima embalagem final, alegria no esforço, mas muitas deficiências a corrigir, desde a posição do corpo ao aproveitamento do compasso.

O portuense Romero leva a vantagem de mais longa prática e transitou este ano para a categoria superior; deve vir a ser bom corredor de cem metros, mas precisa de trabalho físico, para aumentar de peso. Carlos Mendonça, que consideramos o melhor recruta da falange benfiquista, também peca por deficiência de peso, mas é naturalmente rápido — e nesta especialidade a condição natural é indispensável.

Francisco Povoas será, sobretudo, um corredor de velocidade prolongada; em relação aos precedentes, pode considerar-se atleta feito e tem no seu futuro atlético uma sombra de dúvida, que provem da sua actividade de futebolista.

Sebastião Camões, com a mesma orientação, tem ainda tudo a aprender e largos anos na frente para o fazer com cuidado. Atenção ao nome, que há-de vir a ser falado.

## A GENTE DE NOME FEITO

Durante a temporada de pista averbaram-se nove corridas de 100 metros e seis de 200 metros, nas quais ficaram registados os seguintes melhores tempos:

100 m.: Eleutério (Bf.), 10,9 s.; Abrunhosa, Lourenço e Núnico (Sp.), Peixoto (Ac.) 11 s.; F. Ferreira (Bf.), e Tamegão (Ac.), 11,2 s.

200 m.: Peixoto (Ac.), 22,7 s.; Núnico e Eleutério, 23,2 s.; Abreu Lima (Ac. Coimbra), 23,4 s.

As provas de velocidade pura, na sua expressão clássica dos cem metros, foram no decurso da época falseadas pelas mais lamentáveis deficiências dos juizes de partida; no campeonato de Lisboa e no campeonato nacional, os vencedores anteciparam-se averiguadamente ao tiro e isso influíu em definitivo na classificação oficial.

Parece-nos difícil dizer, assim, qual foi o melhor especialista da temporada; por mera impressão pessoal, indicaremos Manuel Núnico, duas vezes segundo, batido apenas pelos concorrentes que usufruíram de irregular vantagem.

Reconheça-se, contudo, o progresso de Eleutério, que se ganhou à igualdade dos melhores; a boa forma de Abrunhosa e as perturbações de saúde que inferiorizaram Fernando Lourenço (futebol e atletismo, é demasiada actividade para um desportista já experimentado por anos de prática continua); a cuidadosa preparação de Fernando Ferreira, o homem dos começos de temporada; a classe convincente de Sampaio Peixoto, que pode muito bem bater o velho «record» de Gentil dos Santos nos 200 metros; as qualidades pouco aproveitadas do magnífico atleta completo Edgard Tamegão e as também nada aproveitadas do «sprinter» Abreu Lima.

Como feito notável neste ano de resultados algo incertos, fica para o futuro a proeza da equipa sportinguista, que conseguiu, com um componente de recurso, melhorar o mínimo nacional da estafeta de 4x100 metros.

## NATAÇÃO

# Balanço geral da temporada

## IMPRESSÕES GERAIS

**E**NCONTRA-SE concluída a época de natação ao ar livre, este ano reduzida apenas a três meses — 16 de Julho a 15 de Outubro — sendo, portanto, chegada a oportunidade de fazermos o respectivo balanço.

Para quem se integrou nos princípios disciplinadores que ora regem o desporto português, e que compreendeu que a iniciativa particular por si só não basta, o grande acontecimento da época finda partiu exactamente da Direcção de Desportos, com a promulgação das disposições regulamentares pelas quais a natação desportiva passou a reger-se. Foi estabelecido um mínimo de idade para se poder entrar em competições; fixaram-se distâncias que, conforme as categorias, cada nadador pode percorrer; e resolveu-se, com elevado critério, o problema médico-desportivo. Repetimos, pois, o que escrevemos na devida oportunidade: a natação está de parabéns.

O calendário da temporada de 1944 foi, de longe, o mais reduzido dos últimos anos. Faltaram organizações já tradicionais e não houve uma jornada que se dissesse — em cheio.

A Associação de Natação de Lisboa, a mais antiga e a primeira no país, organizou apenas os campeonatos regionais. Sejam quais forem as razões invocadas — é pouco, pouquíssimo mesmo. A clássica travessia do Tejo, após nove anos de disputa consecutiva, não se realizou — nem se diligenciou efectua-la.

A mesma sorte teve o «Torneio de Propaganda», de lendária tradição.

A Federação pertenceram quatro organizações: «Taça Mário Simas e Silva Marques», Campeonatos Nacionais, «Festival de homenagem à Imprensa» e «Festival de Encerramento». Mesmo assim, fez menos do que habitualmente. E a propósito: por que se não reedita a «Semana da Natação», de há anos atrás?

A iniciativa particular circunscreveu-se ao activo Sport Algés e Dafundo, à parte pequenos festivais sem projecção digna de nota. O

Alhandra fez-se representar apenas nos nacionais, o que nos parece pouco.

O público manteve-se arreado e falho de entusiasmo. Nem a própria expectativa do duelo Estoril Praia-Algés lhe aguçou o apetite. Há que captar, de novo, o interesse do público, por meio de boa e bem orientada propaganda. E que nos permitam os discordantes — são as provas de mar, ainda, um dos melhores meios de propaganda.

As figuras máximas da natação mantiveram-se as mesmas.

Mário Simas, com a sua classe à parte, com o seu valor internacional, «limitou-se» a ganhar as provas em que entrou. Não se suponha, porém, que está em má «forma». É que Simas não tem confronto no nosso meio.

Baptista Pereira manteve, no meio-fundo longo, a superioridade afirmada desde 1938.

A nota sensacional deu-a João da Silva Marques, reconquistando o seu título de campeão de «bruços».

As honras máximas de temporada vão, no entanto, para uma senhora: para a gentil Ana Linheiro, a quem se ficou devendo o único «record» nacional absoluto de 1944.

A temporada de 1944 foi bem a temporada dos jovens. Isso a define e caracteriza.

A província — a desmentir os efeitos da propaganda resultante da realização dos campeonatos nacionais por esse país fora, nos últimos oito anos — resumiu-se a Coimbra. Nas outras localidades, emquanto não existirem condições de trabalho, como sejam piscinas e treinadores — porque sem os segundos, mesmo com aquelas, nada se faz — o actual estado de coisas manter-se-á. O elogio à obra de Coimbra, nestas colunas, está feito. Citemos, no entanto, Luís Lopes da Conceição e Luís Franco, Maria Isabel Costa e Ilda Raposo, quatro dos seus elementos mais categorizados, embaixadores valorosos da região.

ABREU TÓRRES

# Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

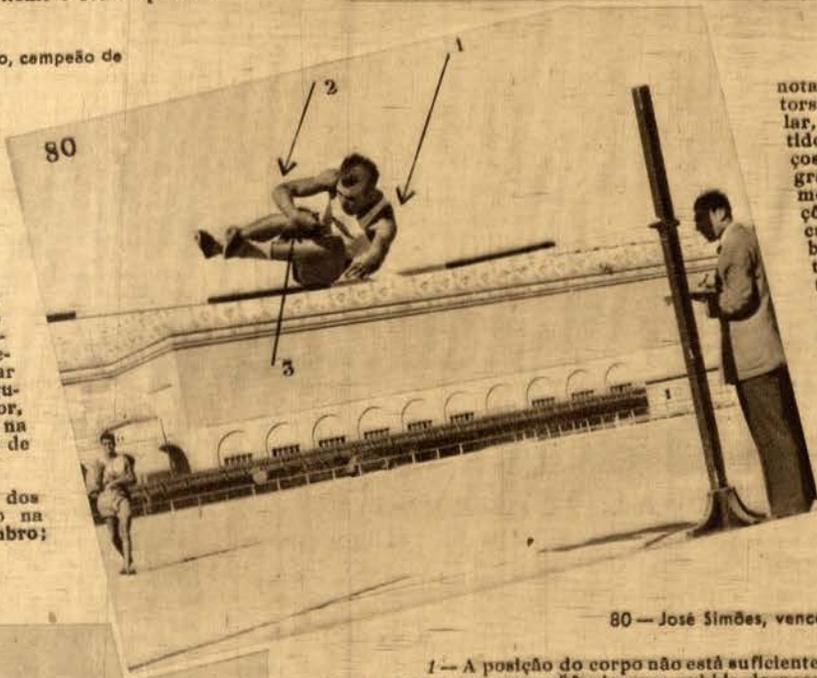
Nota — Com a série de hoje damos por findo o segundo ciclo anual da vida desta secção, cujos benefícios de crítica construtiva têm encontrado animado ambiente. Consagramos esta última série aos atletas campeões da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, que este ano provaram entusiasmo pelo atletismo e reais aptidões para a sua prática.

79 — José António de Araújo, campeão de meio-fundo.

1 — No fim da fase de suspensão o pé vai apoiar naturalmente de calcanhar, com o joelho quasi estendido; a amplitude da passada parece satisfatória e...

2 — ... a perna da recataguarda não antecipou o avanço do joelho e o levantamento do pé mostra que a flexão pelo joelho no movimento pendular será suficiente para assegurar a sua elevação anterior, o que se confirma em 2.ª, na outra fotografia da fase do apoio.

3 — O movimento dos braços peca por defeito na descontração do ombro;



nota-se claramente uma torção da cintura escapular, acompanhando o sentido oscilatório dos braços, e isso é erro flagrante. Se os braços se moverem sem contracções onerosas dos músculos fixadores do ombro (que vão impedir também o trabalho tóraxico respiratório), o corpo permanece sempre de frente para o sentido da progressão.

4 — A impulsão já começou, como prova o descolamento do calcanhar, e o joelho devia estar portanto em extensão completa, para maior firmeza e menor esforço muscular.

80 — José Simões, vencedor do salto em altura.

1 — A posição do corpo não está suficientemente horizontalizada e tem como consequência uma subida desnecessária da cabeça e dos ombros.

2 — Os braços não trabalham para puxar o corpo do saltador á quem da barra. O esquerdo devia ter já ultrapassado a barra e o direito, mais estendido para a frente e para baixo, contribuiria para o rolamento sobre o obstáculo.

3 — A perna esquerda avançou francamente, deixando para trás a direita, de forma que o rolamento também não é assim favorecido. Nesta fase deveria a perna superior estar à frente do outro pé e claramente inclinada para baixo e para diante.

81 — José de Silva, campeão do lançamento do dardo.



1 — O grande defeito patente é a acentuada flexão do joelho da perna de apoio, que impede por completo a acção de travagem e transformação da velocidade de corrida em força impulsiva.

2 — O recuo da anca, consequência da flexão do joelho, não permite a aplicação até final do esforço dos músculos dorsais e lombares, que assim actuam em falso.

3 — O braço que traz o dardo desviou-se para fora, atirando a mão para além do plano vertical do ombro, no qual deveria manter-se durante a chicotada de projecção. Houve, portanto, um desvio do dardo, que se traduz em obliquidade de trajectória, com prejuizo da distância mensurável. A acentuada flexão do dardo, contra-productiva, prova que o esforço de impulsão não foi aplicado no exacto sentido do eixo do dardo.

# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**XADREX:** 1 — Francisco Lupi, vencedor do «V Torneio de Verão» (*felizmente cedido pelo distinto fotografo Carimiro V. negro*). **UMA VISITA A «STADIUM»:** 2 — Carlos Quadros e José Martins, vencedor e 3.º classificado da «Prova Iniciação Flechar», visitaram há dias a nossa redacção. A gravura mostra o dr. Guilhermino de Matos, director da *Stadium*, alguns redactores, directores da S. F. Alunos da Apolo e os dois ciclistas. **NA HOMENAGEM DO FUTEBOL BENFICA AOS SEUS CAMPEÕES:** 3 — O dr. Ayala Boto condecora o capitão do team de *shockeys* em campo, campeão de reservas; 4 — Vicente Caleja fala do significado da festa; 5 — Fernando de Sá brinda em nome da *Stadium*. **TOMARAM POSSE OS NOVOS CORPOS GERENTES DO SPORTING:** 6 — O capitão Maia de Loureiro discursa rodeado por elementos de relevo no clube dos *«leões»*; 7 — Os novos dirigentes fotografados após a cerimónia.



OS GRANDES TORNEIOS DO FUTEBOL

## Um problema que parece decidido

**R**eações sem êxito, eis uma expressão que julgamos suficientemente expressiva para dar a imagem fiel da oitava jornada do campeonato. Era um domingo que apresentava como característica o assalto dos clubes menos categorizados na sua ânsia legítima de se igualarem aos Poderosos. É certo que, no decorrer de todo o Torneio, esta faceta constituiu um motivo de interesse. Nunca a luta em Lisboa foi tão equilibrada, e nunca os Clubes-Históricos sofraram um ataque tão forte e porfiado. Simplesmente, na jornada sétima, essa luta desencadeou-se em toda a extensão, no Estoril, no Campo Grande e no Lumiar. Ainda desta vez o *assalto* não resultou proveitoso e a fortaleza dos mais poderosos não foi tomada, nem sequer abrindo brechas. Não importa. O combate está a travar-se, e com a feição que as coisas levam, não chegaria a admirar-nos que, num dia próximo, a referida orientação acabe por triunfar. Essa vitória, de resto, seria benéfica para o futebol. É preciso ter sempre na mente que, quanto mais *teams* adextrados e fortes houver, melhor. Toda a competição será tanto mais interessante quanto maiores forem as dúvidas em relação ao seu desfecho.

Não se pode dizer que a oitava jornada não tenha sido proveitosa e interessante. Os clubes menos categorizados portaram-se bem. Mesmo a C. U. F., sob o pesado fardo dos *goals*, só se entregou quando a carburização do Benfica começou a ser perfeita, e a força física lhe faltou, provando-se mais uma vez que, sob a base do jogo, deverá haver o necessário estado atlético, ou, por outras palavras, a devida preparação.

O *team* do Benfica foi aquele que atingiu mais alto nível. Mas o desafio do Estoril forneceu uma imagem de jogo que não é para deitar para o cesto dos papéis — e a partida do Lumiar, de entre-houver com o seu futebol de confusão, comportou relâmpagos. No conjunto, portanto, uma jornada que não desonra o futebol lisboeta.

Começando na Amoreira, devemos dizer que o Estoril apresentou um arranjo forçado pelas circunstâncias devido a ausência nada menos de quatro titulares, Nunes, Petrak, Pereira e Lourenço. Quando um grupo, apesar de tantas folhas, se conduz aircosamente — não há dúvida que há na equipa *fundo*. Já não se trata de uma tentativa de onze, mas de um *team* no que esta palavra representa. O Belenenses, pelo seu lado, tendo deixado de fora o extremo Rafael, magoado contra o Sporting, não se viu em dificuldades para a organização da linha dianteira.

Passando para o Campo Grande, encontramos profundas alterações: novo guarda-rédes, possivelmente por lesão do titular, diferente conjunto no bloco defensivo, com a entrada de Gaspar e Jacinto, e ainda uma combinação na *frente* que diz bem das preocupações dos dirigentes em busca do real formação. Na C. U. F. jogou-se com a substituição forçada de Carlos Pereira.

No Lumiar verificam-se menos substituições do que nos outros lados. Alinha, no Sporting, ainda *tocado*, Albano, a interior-direito, insistindo-se, no Atlético, em recurso, na colocação de Paiva, nas rédes, elemento que nos deixou impressão pouco ilusória.

Este — o quadro geral dos *teams* e seus arranjos.

A ideia do título de campeão continua em causa — com escasso interesse, porém. Há ainda a esperança de um preceito sportingista, mas tudo leva a crer que a questão esteja decidida. O Sporting deu mais um passo valoroso na sua vida na Prova, e bem poderá chegar à última jornada com socoço e tranqüilidade de espírito absoluta. Há agora, para decidir, o protesto do Atlético, tendo como base a validação do primeiro *goal* leonino. Quere-nos parecer, no entanto, que isso não modificará o panorama geral do torneio, seja qual for a decisão.

Onde a luta adquire aspectos na verdade emocionantes é no capítulo do 4.º lugar, em que se acham empenhados três concorrentes, com posição de predomínio para o Estoril. Este problema, e importantíssimo, poderá viver até o sétimo dia. Quere dizer: a questão principal apresenta-se já decidida; mas palpita outra que, nem por ser secundária, deixa de interessar muito. A 8.ª jornada cumpriu o seu dever.

### Mais uma vez, a influência da linha medular nos grupos. O Sporting-Atlético

Está dito e redito que as *linhas medulares* sustêm ou esfrangalham os grupos. Ou ligam o conjunto, ou desfazem o jogo. Assim como em qualquer máquina há uma peça considerada essencial e que faz ecionnar todas as outras, também nos *teams* o eixo médio influencia todo o conjunto, beneficiando ou prejudicando através da sua actuação a célula avançada, e mesmo a da defesa.

A linha medular do Sporting, um terço razoável e que as *leões* andaram buscando muito tempo, vive em grande parte do acerto e desacerto do seu médio-centro, jogador que não

## Vitórias dos clubes poderosos sobre o bloco menos categorizado

Crónica de TAVARES DA SILVA

comanda pela sua posição no terreno, mas que se serve magnificamente das suas qualidades atléticas, saindo pelo fôlego e energia o que lhe falta em ciência de futebol. Barrosa não é um cerebral a médio-eixo; não um tático, mas um combativo. Ora a este homem — precisamente pelo seu feitio — há-de acontecer muitas vezes correr muito e não encontrar a bola. E quando isso suceder, o *team* baixará de nível, dando-nos um futebol de confusão. Assim se viu. Tanto que, melhorando o referido elemento na segunda parte, logo tudo se modificou, aparecendo, então, a boa organização.

Pelo contrário, o ponto forte do Atlético reside na linha medular que, afastado o abaixamento de forma, reaparece inteira, em plena florescência. É ela, realmente, que impulsiona todo o *team*. Não se estranhando por consequência, que o jogo do Atlético lvesse, no passado domingo, melhor combinação de esforços, ou outra expressão, mais limpezde. Enquanto que, no lado sportingista, a maior parte das vezes, tudo foi confusão, no do seu adversário verificou-se o conjunto e a harmonia de funcionamento de todas as suas partes componentes. E aqui fica suficientemente destacado o papel desempenhado por ambas as *médias* e a sua influência no desenrolar dos acontecimentos do Lumiar.

Tem-se dito, e é verdade, que a melhor defesa ainda resulta de um bom ataque. Vê-se, assim, a questão por uma das suas facetas. Mas não há dúvida de que também há o lado inverso da questão, isto é, de que uma boa defesa também proporciona o ataque constante, dando vitórias. Alguém tem dúvidas, tal como as coisas se passaram, que, se não fora o terço defensivo sportingista, a classe de Azevedo, a autoridade de Cardoso e a rapidez de antecipaçoão de Manuel Marques, o desfecho teria sido outro? Foram eles, com o seu admirável comportamento, que inspiraram confiança no grupo, proporcionando, sem dúvida, em quinhão apreciável, a reviravolta do triunfo. Uma sólida defesa é meio caminho andado para a vitória. Por sinal, o labor de Baptista, sempre à ilharga de Peyroteo, exerceu também influência no movimento colectivo da equipa.

Relativamente à *medida* que o Sporting pode fornecer, não há dúvida que o *match* não foi de júbilo leonino. Em contra-partida, o Atlético conseguiu dar ideia excelente das suas possibilidades. E de passar como o grupo se encontra no fim da classificação!

Passando uma vista de olhos pela actuação dos grupos, assinalemos, no Sporting, a categoria de vários lances de Azevedo, a intervenção científica de Cardoso e a decisão de Manuel Marques, a vontade de Peyroteo, o jogo fino de Gomes da Costa, vários golpes de António Marques e a actividade de João Cruz (referência ao segundo tempo). No Atlético: a perfeição de Baptista, o poder da linha média, com destaque para o esforço de Gregório, pecando sómente por tudo querer fazer, os pontapés de Micael e a subtilidade do jogo de Catilina.

### Começo de audácia da C. U. F. Belo período do Benfica, na segunda parte

O Benfica não é grupo que se deixa dominar com facilidade. Tem o segredo da *volta*. Quando o adversário se julga com a vitória na mão é precisamente quando o *team* cresce, reconquistando, num abrir e fechar de olhos, o terreno perdido. A partida do Campo Grande não foi bem isto. Lembra-nos, no entanto, esta vocação benfiquense já denominada muitas vezes por *alma*. Toda a história do Benfica está cheia de semelhantes factos: num repente, passar de vencido a vencedor. Para isso contribui a circunstância do seu público nunca desamparar o onze. O Benfica não só passa a vencedor como depois, do alto da montanha, é implacável na mercação das bolas. Nunca abrandando. Não esmorecendo nem um segundo. Honra lhe seja. Isso não é mais do que espírito de competição.

A C. U. F. realizou exibição agradável e atrevida, mesmo. Convencendo-se de que, para vencer, é necessário, antes de mais nada, atacar. Vale a pena, realmente, em certas condições, arriscar o tudo pelo tudo. Sobretudo quando tanto faz perder pela tangente como por larga margem. Não há dúvida que, no período da



audácia, o team se comportou bem, construindo movimentos que o honram. Nesse período, o Benfica viu-se em apuros. Depois, na fase do abateamento e da perseguição do adversário, quando o onze se sentiu batido, e irremediavelmente batido, desuniu-se e perdeu o controle, dando a demonstração da sua inferioridade, nem sequer sendo para estranhar o caso. Até aos grupos melhor formados sucede o mesmo em idênticas circunstâncias. Quando o Benfica se colocou em vencedor [oi-lhe fácil acumular goals, mostrando então a sua vocação de colecionador de bolas.

Foi o grande período do Benfica, evoluindo os avançados com desembaraço, vivacidade, numa conjugação de esforços perfeita, como só acontece quando as coisas correm bem. Certo, o comportamento de uma linha avançada depende muito da acção da defesa do adversário. Seja como for, o espectáculo tem qualquer coisa de beleza que empolga. Afinal o espectáculo do futebol, quando se joga bem, pondo em claro as maravilhosas qualidades desse jogo desportivo.

**Especie de encontros sem interesse**

Os desafios como o da Amoreira pouco interessam. A previsão já destina um vencedor e um vencido, e os factos só confirmaram os vaticínios. O maior poder do Belenenses poderia ver-se em embarras na sua deslocação ao Estoril, se a lei das punições não houvesse enfraquecido o grupo local, tirando-lhe a possibilidade de lutar com êxito.

Colocado em condições tão favoráveis, era natural que o Belenenses fornecesse uma daquelas exhibições de futebol de geometria tão agradáveis à vista, em passagens curvas e triangulares, para o qual homens como, por exemplo, José Pedro e Eliol, estão talhados. Simplesmente, o primeiro alinhou a extremo, na falta de Rafael, e o segundo, ainda *focado*, ressentiu-se a breve trecho da lesão. Quere dizer, linha avançada desmentelada. Dominando, é certo, mas sem graça, um pouco confusamente.

Registrar-se poucas situações de gravidade na zona perigosa, e sendo isso afinel que empresta emoção à partida, compreende-se que o jogo tenha decorrido com escasso interesse. Em futebol que assim decorre, merece destaque a jogada do segundo goal belenense, marcado por Quaresma, optimo como preparação e como execução.

Distinguiram-se, no Belenenses, Armando e Queresma. Acácio estava pouco seguro. No Estoril, a desarticulação do grupo, motivada pelas mudanças de lugares, não deu margem a exhibições individualistas deslocações.

**Sistema da triangulação e jogo individualista**

A propósito da nossa afirmação sobre *técnica e triangulação*, na crónica da última semana, do Belenenses-Sporting, escreve-nos o nosso amigo e antigo companheiro Manuel José Pedro Tavares Júnior, professor de educação física e treinador do Sport União Torrense, uma lúcida carta, que lemos sinceramente pena do espaço não consentir na sua publicação na íntegra, tracando, e com verdadeiro conhecimento dos problemas da bola, várias considerações sobre o assunto.

Em resumo, Tavares Júnior afirma que o peso do nosso artigo pode ser mal interpretado pelos jogadores, sobretudo da Província, muito guiados pela crítica. Com fundamento em que a triangulação é sempre a base do jogo, o sr. T. J.

# Futebol de Norte a Sul

**PÓRTO** — É já legar comum dizer-se que os encontros entre o F. C. do Porto e o Boavista são dos mais agradáveis de presenciarem. Várias razões militam para esta afirmação. A maneira peculiar de jogo dos «xadrezados» — o grupo que pratica melhor futebol nesta cidade — parece que ascende a uma mais alta factura quando enfrenta o clube da Constituição.

Os rapazes do Bessa vieram a jogar como «gente grande», batendo-se arduosamente por um resultado airoso para as suas cores; e se este não foi melhor, isso deve-se ao facto de a sua linha atacante ter tido pela frente uma defesa — Alfredo e Guillhar — que dominou bem a bola, com o apoio do sector intermediário em situações de perigo.

É pena que o Boavista não consiga arrancar o 2.º posto da classificação geral, porque talvez seja, tecnicamente, o grupo que melhor poderia acompanhar o F. C. do Porto ao torneio maior.

O Salgueiros, favorito para o 2.º lugar, pela posição que ocupa na tabela da classificação — falta-lhe a «prova real» contra o Boavista — desfez-se do Leça pela tangente. Os rapazes da beira-mar jogaram quasi todo o encontro inferiorizados pelo acidente ocorrido a Barreira, defesa direita, que se magoou a meio do 1.º tempo. O Salgueiros dominou nesta parte, aglutinando bem os contra-ataques desenvolvidos pelo Leça. Na 2.ª parte, o Leça

afirma que a finalidade do futebol não é atingida com o esforço individual dos jogadores, o contrário da triangulação, porque: 1.º como jogo educativo, não evitara o instinto egoísta do nosso jogador, a noção da divisão do trabalho, da solidariedade, etc.; 2.º quanto aos jogadores, abriga-los-á a um dispêndio de energia muito grande, e a preparação atlética dos nossos jogadores é escassa. Ora a triangulação serve às mil maravilhas para surgir essa deficiência, porque a bola corre mais do que o jogador.

Inteiramente de acordo. Todos os nossos modestos escritos estão penetrados do *futebol de conjunto*, tendo como base a combinação, que outra coisa não é do que a ligação do esforço dos jogadores, que tanto poderá resultar de triangulação, como do sistema linear, e ainda de outros métodos. A nossa afirmação, produzida ainda sob a impressão do *colossal esforço individualista* de Pyroteo e seus companheiros nas Selésias, significa apenas que, naquela altura do desafio, impossibilitados como estavam os jogadores de actuarem pelo método do conjunto, exigindo calma, raciocínio e serenidade, só os poderia salvar a arrojada iniciativa ou a audácia individualista. Mais nada. E gratos ficamos pelas amigas referências, imerecidas, de um velho companheiro que muito gostaríamos de ver e abraçar.

passos a assediar as rédeas de Peixoto, crescendo sobre o campo contrário. Uma tentada do Salgueiros deu o igual da vitória, a cinco minutos do final.

O Académico foi novamente buscar um empate no seu encontro com o Leixões, em casa deste. No 1.º tempo, os acadêmistas terminaram em vencedores, graças a uma exibição de conjunto mais acenizada. Na 2.ª parte estabeleceram-se o equilíbrio e com êle o empate, embora o Leixões não fizesse mais agradável o de melhor conceito.

A pontuação ficou assim: F. C. do Porto, 22 pontos; Salgueiros, 19; Boavista, 16; Leixões e Académico, 15; e Leça, 12.

**ALGARVE** — Ganhando «em casa» ao Lusitano, de Vila Real de Santo António, o Sporting Oihanense pôde desde já considerar-se campeão provincial. Os clubes Faro foram ganhar a Loulé e o Portimonense derrotou o Glória sem apelo. Resultados: Oihanense — Lusitano, 5-0; Sp. Farense — Louletano, 1-0; Portimonense — Glória, 6-0.

**AVEIRO** — Continua a incógnita, quanto ao provável vencedor do torneio da região. Na sétima «onda» verificaram-se os resultados seguintes: União de Lamas — Sporting de Espinho, 1-1; Sarjoanense — Ovarense, 2-0. A classificação actual é a seguinte: Sarjoanense, 10 pontos e 10-4; Oliveirense, 9 p. e 7-6; Sporting de Espinho e União de Lamas, 7 p., 7-8; 8-12; Ovarense, 5 p. e 6-8.

**BRAGA** — O Vitória de Guimarães pode considerar-se já campeão da província, pois a última jornada ganhou aos «leões» bracarenses por 2-1. É caso arrumado... Nos outros jogos os resultados foram os seguintes: Sporting de Fafe — Vizela, 6-2; Famalicão — Gil Vicente, 2-0; F. C. Fafe — Vianense, 2-1.

Em suma: os viananenses são novamente campeões, mas, para o segundo lugar, combatem ainda famalicenses e bracarenses.

**CASTELO BRANCO** — Os abelharceiros, derrotando os «leões» de Castelo Branco, ganharam-lhes por 4-2. Quere dizer: numa vitória do Belenenses de Castelo Branco sobre o Sporting... Assim fosse na capital...

**COIMBRA** — Os estudantes, que na primeira volta não conseguiram mais que o empate, puderam ganhar agora, 2-0. De tudo isto, transparece a Académica voltou a ganhar — era natural... — e o Anadia e o Sport só na última «onda» resolveram a sua situação quanto ao último classificado...

EVORA — O União de Montemor, que no domingo anterior havia ganho ao Juventude, conquistou mercédamente o título de campeão do distrito. Para o segundo lugar, derrotaram-no, em partida decisiva, o Lusitano e o Juventude, ambos de Évora.

**SANTAREM** — Resultados da jornada, nas diferentes zonas: Associação Académica — União Operária,

(continua na pág. 15)

## OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

OS encontros da nona jornada do Campeonato da II Divisão da A. F. L., disputados no último domingo, tiveram os seguintes resultados:

Futebol Benfica-Marvilense .....	4-1
Chelas-Olivais .....	1-0
Operário-Sacavenense .....	1-0
Fósforos-Casa Pia A. C. ....	2-6

Verifica-se, portanto, que venceram todos os clubes que jogavam em casa.

Os benfiquenses obtiveram o resultado mais expressivo da «onda», mas isso não surpreende, sabido que derrotaram o clube que não conseguiu ainda uma vitória sequer em nove «saídas». Mas o que não abona muito o comportamento dos vencedores é a maneira como os

goals foram obtidos: o primeiro, a estabelecer empate, de um «doublet», e o segundo e o terceiro foram consequência de jogadas felizes de um marvilense, que enfiou a bola nas próprias rédes. Decididamente, o Marvilense não entrou com o pé direito no campeonato.

Os chelenses, que oito dias antes haviam tido a calzeia da classificação, não foram além de um goal de vantagem. Este resultado vem confirmar a subida dos oliveirense, cuja defesa soube justificar o score. Porque, de resto, os donos da casa evidenciaram melhor conjunto e foram mais decididos na conquista dos tentos.

A vitória dos rapazes de S. Vicente, pela tangente, contra o Sacavenense, que nas últimas «saídas» não têm sido muito de temer, deve ter causado apreensões aos adeptos do Operário, que só «respiraram» quando o desafio terminou.

Finalmente, o Fósforos continua a dar boa conta de si. Não obteve margem muito folgada, é certo, mas as últimas exhibições dos casapiños tornam aceitável este resultado. Uma primeira parte de equilíbrio e uma segunda de domínio dos marvilenses — justificam o seu triunfo.

Os desafios de domingo não produziram alterações de vulto na tabela das classificações. Os clubes conservaram-se nos seus lugares, havendo apenas a notar o desempate entre o Operário e o Olivais, para o 4.º posto.

A classificação ficou assim ordenada:

1.º Chelas, 24 pontos; 2.º F. Benfica e Fósforos, 22 p.; 3.º Operário, 21 p.; 4.º S. L. Olivais, 19 p.; 5.º Sacavenense, 14 p.; 6.º Casa Pia A. C., 13 p.; 7.º Marvilense, 9.

Nunca os avançados se mostraram tão pouco realizadores como no domingo: nove «goals» nos quatro desafios.

Uma coincidência a salientar: os clubes que venceram em primeiras categorias foram também vencedores nas inferiores. Em suma, quatro «meças limpas» — como diz o povo...

ZÉ DO PEÃO

## CATEGORIAS INFERIORES

As duas jornadas do fim do campeonato, o Benfica pode considerar-se campeão em reservas. Separa-o, agora, quatro pontos de diferença dos segundos classificados. A turma «encarada» tem feito, realmente, uma prova interessante, sobressaindo pela regularidade.

Domingo, frente à Cuf, o Benfica venceu naturalmente, evidenciando boa superioridade. Essa foi, aliás, a característica dominante da jornada. Vitórias individuais por parte dos três «maiores», que por sinal ocupam também os três primeiros postos da classificação.

Resultados: Benfica — Cuf, 3-3; Belenenses — Estoril Praia, 6-2; e Sporting — Atlético 8-3.

A classificação geral ficou ordenada do modo seguinte: 1.º Benfica, 22 pontos; 2.º Sporting e Belenenses, 19 p.; 3.º Atlético, 18 p.; 4.º Cuf, 14 p.; 5.º Estoril Praia, 8.

Em segundas categorias, os resultados verificados foram os seguintes: Benfica — Cuf, 4-3; Estoril — Belenense, 1-0; e Sporting — Atlético, 5-2.

Ainda que pela diferença mínima, os encarnados triunfaram mais uma vez. Mantém, assim, o comando da classificação, que parece não estarem dispostos a abandonar...

Interessante o triunfo alcançado pelos estorilenses e que os mantem, assim, no terceiro posto.

E para que a regra fosse geral em todos os desafios, o Sporting ganhou igualmente pela diferença mínima, arredando, talvez em definitivo, a hipótese de vir a ocupar o lugar da cauda.

Classificação actual: 1.º Benfica, 21 pontos; 2.º Cuf, 15 p.; 3.º Estoril, 16 p.; 4.º Belenenses, 15 p.; 5.º Sporting, 14 p.; 6.º Atlético, 11 p.

# REAÇÕES SEM ÊXITO

Os 3 menos categorizados  
deixaram-se bater pelos Poderosos...



SPOTING-ATLÉTICO: 1 — Uma das inúmeras intervenções de Azevedo, enquanto Marques se opõe à acção de Catilana e Barros; 2 — Aspecto da saltada luta que Catilana e Barros; 3 — Palva arrebatou a bola a Albano. Catilana II procura pro-BAPTISTA manteve sempre com o ataque «leconino»; 4 — Marques danha na luta com Canário, cortando de cabeça um ataque do Sporting BENFICA — C. U. F.; 5 — Arrojada intervenção de Amílcar para evitar que Julinho conclua um ataque de Espírito Santo; 6 — A fase que deu a Julto, um dos seus tentos. Deste feito, o esforço de Amílcar foi inútil ESTORIL-BELENENSES; 7 — Elói, do Belenense, escapou-se por entre as defesas do Estoril — mas Valonço saiu a tempo para alistar o perigo; 8 — Milião, com um salto acrobático, torna inútil a saída de Acácio num lance de perigo; 9 — Acácio desvia para o lado um remate dos que se dizem «mal intencionados»...



# A «Prova Iniciação Flecha»

O ciclismo português necessita, tanto como de outra qualquer prova de projecção local ou regional destinada a «ases», de uma corrida que interesse principalmente aos ciclistas iniciados e onde eles possam revelar as suas qualidades. Dotada de prémios tentadores, para tornar possível a inscrição dos concorrentes da provincia, ficando assim, em parte, compensados das despesas feitas com a sua deslocação, essa prova terá de ser posta de pé de maneira que a tarefa dos concorrentes seja relativamente fácil e compatível com a sua categoria de principiantes. Além disso, tal corrida deve possuir ainda, para estimular quem nela toma parte, a facilidade de proporcionar mais primeiras, segundas e terceiras classificações que uma simples prova em linha, sabido que a boa classificação é ainda o maior incentivo para quem principia.

Como a «Prova Iniciação Flecha», promovida pela *Stadium*, possui os predicados que apontamos e atingiu, logo na primeira organização, os objectivos que se tinham em vista, somos levados a afirmar que o ciclismo português deve contar, todos os anos, no seu calendário, com uma competição deste género, embora haja necessidade de corrigir, aperfeiçoar e até ampliar certos pormenores de organização.

Mas antes de nos referirmos ao que poderá ser a futura prova, analisemos o que foi a competição agora disputada.

## A vitória do melhor

Teve a «Prova Iniciação Flecha» resultados absolutamente normais: venceu o melhor e o mais apetrechado corredor do lote, o qual, por seu turno, também teve comportamento que justifica o triunfo. De facto, Carlos Quadros é uma verdadeira «esperança» do ciclismo e atingirá lugar de relevô se for bem orientado tecnicamente desde já.

Possui espirito de luta — haja em vista a sua perseguição à saída de Torres, quando se atrazou por motivo da partida ser rápida de mais para as suas características de homem que todos os dias monta bicicleta; é muito bem constituído e ainda dotado de simpática modestia, que muito lhe facilitará a «subida» na carreira de ciclista. E embora a sua posição sobre a máquina fosse defeituosa (alta, avançada e com um quadro curto) e ainda tivesse de haver-se com uma equipa (traje) pouco recomendável, prejudicando-se bastante com os seus calções largos, Quadros foi regularíssimo, como regular foi o seu triunfo.

Traduzem também o mérito dos seus comportamentos as duas classificações obtidas por Juviano Prieto e José Martins, segundo e terceiro no final da prova, embora estes corredores algo beneficiassem com a infelicidade de Gaspar Paulo. Prieto, conquanto monte muito sobre os braços, em posição avançada, e pedale em força, e José Martins use um guiador que tem a mais na largura normal cerca de 10 cm., exagerando ainda um pouco ao avaliar os seus próprios méritos, facto sempre condenável para quem principia, — ambos os corredores se portaram de maneira a concluírem a prova entre os cinco primeiros.

## Uma revelação

Impressionou-nos, pelo seu poder, facilidade de movimentos e «presença» sobre a bicicleta, o «alenquerense» Gaspar Paulo, «leandera» permanente da prova. Pedala com grande ligei-

## O nosso «Curso de Ciclistas»

Com a presença do sr. dr. Salezer Carreira, ilustre Inspector de Desportos, que quis dar-nos a agradável surpresa de assistir à 4.ª lição do «Curso de Ciclistas», cumprindo assim a promessa de interessar-se pela nossa iniciativa, porque, como disse na lição inaugural, via nela poderoso incentivo para os praticantes de modalidade, — prosseguiram na passada sexta-feira as lições do mesmo «Curso», que o nosso prezado camarada Gil Moreira orientou.

Devido à falta de espaço com que lutamos, somos forçados a guardar para o próximo número a habitual resenha da lição, que publicaremos, por certo, com o da próxima sessão, marcada como se sabe para depois de amanhã.

## deve passar ao número das corridas clássicas

resa, é forte, trepa bem e mostrou-se bastante combativo. Paulo seria, no caso de não avariar a montada, um excelente segundo, pois crêmos que Quadros o viria a bater, se não antes, pelo menos na embalagem final. Não ficou todavia diminuído o pupilo de Batorêo. Podem os «encarnados» de Alenquer depositar fundadas esperanças no seu representante, porque é digno disso. Assim o saibam guiar...

## Verdadeiros estreantes

Teve a prova alguns concorrentes que nela se estrearam lutando com elementos que, embora pela primeira vez inseridos em competições oficiais, já haviam corrido em provas particulares. Portanto, é justo pôr em relevô o esforço desses estradistas, dos quais foi primeiro, com a sua honrosa quinta classificação, o «iluminante» Duarte Tomás, seguido do «leão» Tavares Junior.

De estatura meã, estes dois corredores, que são excelentemente constituídos e pedalam com certo estilo, portaram-se com brio e combatividade, como dois consagrados.

Pena foi que a desistência de Arnato, David Brás, Duarte Tomás e Eugénio Ferreira não permitisse que tal lote, também de estreantes, mostrasse as suas possibilidades — que eram grandes. No entanto, de entre os «experientes» e já citados estreantes, ainda houve quem fizesse provas bastante voluntárias. Neste caso estão Joaquim Mourinha, um rapaz cheio de vontade, mas pedalando em força; António Pereira, muito habilidoso a rolar e a perseguir; e Carlos Sequeiro, Estevão e Catarino, possan-

tes, mas ainda cheios de constracções nos movimentos, como é próprio de novatos.

E até mesmo aqueles que se mostraram des-treinados, tais como José Camelo e Barros, tentaram impôr-se numa prova em que havia desejo especial de participar.

## Trabalho a prosseguir

De futuro, a «Prova Iniciação» deverá disputar-se a meio da temporada, talvez logo a seguir às corridas clássicas da Associação e antes dos campeonatos nacionais. Seria mesmo de bastante interesse admitir nos campeonatos as revelações de tal competição, facto que teria proveitoso reflexo nas regiões a que pertencessem essas revelações.

Da mesma maneira que em França já se admitiram nos campeonatos nacionais de profissionais vencedores de corridas regionais, isto sem prejuizo dos corredores seleccionados oficialmente, entre nós, onde não se fazem campeonatos distritais de iniciados, a não ser em Lisboa e Pôrto, aproveitar-se-iam os resultados da «Prova Iniciação», e de outras competições identicas, para escolher os valores que viriam a participar nos campeonatos.

Mais proveitosa também será a disputa da próxima corrida ao domingo e à segunda-feira, com a primeira e segunda etapa respectivamente em Sintra e Lisboa, e depois a terceira em Torres, um dia de folga na terra, com chegada finalmente a Lisboa.

## Colaboração a agradecer

Reconhecendo a utilidade da nossa prova, os dirigentes da velocipedia dispuzeram-se a colaborar connosco de forma que nos desvanece. Justo é salientar a solicitude com que os directores da Federação e Associação, srs. Manuel Mota, Manuel Prego, Serafim Santos, Humberto Gomes e M. Laureano, nos prestaram a sua preciosa colaboração — que em muito contribuiu para o êxito da corrida.

E neste agradecimento devemos envolver as entidades oficiais e o União Sintrense e o União Torreense, pelas facilidades que nos dispensaram com cativante gentileza.

GIL MOREIRA

## BOXE NO PARQUE MAYER

# JORGE LARZEN

## conquista novo triunfo

Crónica de RAFAEL BARRADAS

O espectáculo de domingo, organizado no Parque Mayer, devia ter-se efectuado em data anterior e com outra composição diferente da que figurou no cartaz. Não compreendia figuras de segundo relevô, mas aceitava-se como programa de carácter popular, tanto pelo preço dos lugares como pela categoria dos protagonistas. E assim sucedeu.

A abrir a série de combates lutaram os levíssimos António Branco e Luiz de Macedo, que fizeram um empate depois de cinco assaltos mexidos e de algo desordenados. Para prova de suficiência achámos-los, a ambos, crús. Supômos preferível que regressem a bastidores, sem aplausos e dispostos a repelir os seus insuficientes conhecimentos, com vistas ao futuro.

Em seguida, António Costa e Sousa 2.º, da categoria meio-leve, derimiram entre si uma questão de supremacia, que se esclareceu a favor do irmão de Augusto de Sousa após 6 assaltos, arbitrados pelo sr. Jordão França (na ausência de José Santos, que faltou ao serviço para que fora designado...).

Sousa 2.º mostrou-se mais combativo e dextro, dominando o seu antagonista em quasi todos os assaltos, excepto no penúltimo, e empregando ambos os punhos com oportunidade e limpeza. A sua vitória por pontos foi, além de justa, bastante aplaudida.

O combate de António Mateus contra Alfredo de Oliveira, ambos pesos leves, terminou com a derrota do último nomeado. Oliveira possuiu esplêndidos dotes físicos mas falta-lhe preparação técnica. Dentro do quadrângulo é um hesitante, incapaz de saber como e por

onde começar. Quanto a Mateus, jogou com determinação e soube empregar os seus esforços a meia distância, batendo e esquivando-se com frequência, o que lhe valeu a decisão favorável do árbitro, sr. José de Araújo.

O combate de meio-fundo opunha Filipe Rebordão — por doença de Guilherme Martins — a Carlos Wilson. E esses dois pesos leves batalharam acessadamente durante 8 assaltos, sob a direcção do sr. Machado Júnior. O moçambicano apresentou-se melhor preparado do que nas suas últimas aparições, sem contudo nos entusiasmar. Bate defeituosamente e os golpes da direita são irregulares — com a parte interna do punho — e assemelham-se a sapatas. Rebordão foi sacudido algumas vezes mas nunca esteve em perigo de cair. A vitória de Wilson, por pontos, corresponde à sua evidente superioridade, mais física do que técnica.

A encerrar o programa viu-se Jorge Larzen derrotar António de Figueiredo, em 8 assaltos dirigidos pelo sr. Aluizio Falcão. A vitória do moçambicano, depois das decisões que obteve sobre Garcia Alvarez e Sousa, veio colocá-lo à cabeça dos meios-médios nacionais que pretendem conquistar o título a Beni Levi. Figueiredo foi claramente derrotado e esteve mesmo em transe de tombar na lona e ser pôsto fóra de combate.

Salvou-o a facilidade de recuperar depressa e, também, a prudente reserva que adoptou nos assaltos seguidos. A fisionomia do encontro foi esta:

O primeiro assalto é de igualdade, eviden-

(Continua na página 15)

**P**ARA inaugurar a temporada, a A. H. L. promoveu, em substituição dos seus habituais torneios de abertura, duas competições para primeiras e segundas categorias, dotando-as com os importantes trofeus instituídos em 1936 pelo Clube Alemão e que desde essa temporada dormiam nos armários do Sporting, seu primeiro detentor.

Foi incontestavelmente uma ideia oportuna, porque se assegura assim aos belos prémios oferecidos pelo sr. ministro da Alemanha o seu verdadeiro destino; se os «leões» vencerem novamente a competição, ficam seus deficitivos senhores; caso contrário a luta prosseguirá até o mesmo clube conseguir duas vitórias consecutivas ou três alternadas.

Ao torneio deste ano concorreram todos os grupos filiados, excepto o da «Cufa», vencedor do último campeonato regional. Os participantes foram divididos em dois grupos e agora, concluídas as eliminatórias, vamos presenciar a fase final, disputada em «poule» pelos dois melhores de cada série.

Quis o acaso que se verificasse um empate insolúvel entre dois candidatos, o Estoril e «Os Treze», obrigando ao recurso de um jogo entre ambos, com o inconveniente de atrasar de uma jornada o calendário previsto.

No mesmo grupo destes dois clubes figurava o Belenense; cada equipa somou uma vitória e uma derrota e os «azuis» classificaram-se pelo melhor «goal-average», mas os outros dois igualaram-se na contagem e só no domingo resolverão o pleito.

Na outra série foram apurados o Sporting, com três vitórias, e o Benfica com duas, eliminando o Internacional e o Marvilense, que empataram no seu jogo.

A maioria dos encontros foi de agradável competição, mostrando-se alguns grupos já em boa forma; o Benfica exibiu-se em acentuada melhoria, reforçado com o concurso de alguns novos elementos revelados no campeonato universitário, e o seu embate contra o Sporting foi — pela emoção, pelo entusiasmo e pela classe de jogo — a melhor partida das três jornadas.

## Desportos de bola

**HANDBALL** — Estão pela segunda vez em competição os trofeus do Clube Alemão.

**VOLLEYBALL** — «Stadium» patrocina o torneio da Divisão de Honra nas provas de fecho da época.

Parece-nos pouco apropriado ao prestígio da modalidade, e até às normas superiores da organização desportiva, o campo onde se celebrou este encontro — no recinto de treinos do parque do Benfica, no Campo Grande, que não está ainda circundado por vedação nem possui instalações para o público, que tem direito a um mínimo de conforto quando vai presenciar competições de categoria. Ou, se as não encontra, perde o interesse — e a modalidade perde os adeptos.

No torneio de 2.ª categoria ficaram apurados para a série final os mesmos Sporting, Belenense e Benfica, e ainda «Os Treze».

A época começa em Lisboa com realce de excepcional importância, pois parece assegurado para 1 de Janeiro próximo o encontro com a selecção madrilena, que nos visitará.

Os dois organismos regionais chegaram a acordo com o «beneplácito» dos respectivos organismos superiores do desporto e espera-se apenas a confirmação oficial que autorize o consentimento definitivo.

## Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diríamos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco asseio. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Ventura d'Almeida & Pons, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 2\$50 em selos do correio, nome e morada.

## HIPISMO

### O primeiro dia das Corridas de Outono

**A**S corridas de cavalos constituem sempre festival emocionante, pleno de vibrações e de interesse, e a aposta mútua dá ao espectáculo desportivo, propriamente dito, um entusiasmo ainda maior. Os dois factores retinidos chamaram ao hipódromo do Jockey Clube assistência numerosíssima e muito elegante — maior de que o habitual — que seguiu com emoção as seis provas que formaram a 1.ª jornada da «Reunião de Outono» e nas quais se encontravam inscritos 34 cavalos, pertencentes ao Estado e a algumas coudelarias particulares.

Na primeira corrida — 1.200 metros — denominada «Alter», compareceram cinco dos seis inscritos, cavalos e éguas nacionais, excluindo o sangue inglês.

Logo à partida tomou o comando «Neoliss», montado por Abrantes da Silva, mas, a uns trinta metros da meta, «Ezambra», bem conduzida por Joaquim Barreto, arrancou com força e ganhou a corrida a mais de um comprimento. Foi uma vitória vistosa.

«Nanja», com Miranda Dias, e «Hussara», com Henrique Calado, cortaram a meta em 2.º e 3.º lugares, respectivamente.

A segunda corrida, «Mafra», destinava-se a montadas nacionais, excluindo o sangue inglês e o puro sangue árabe, e era também de 1.200 metros. Logo de início, «Xiba», com José Graça, tomou a dianteira e conservou-a até final, vencendo bem «Dunquerque» e «Sajorno», conduzidos por Martinho Correia e Paiva, que o seguiram nos dois restantes lugares da classificação.

A prova «Diques», de 1.500 metros, proporcionou uma vitória limpa para «Dize-tu», do Depósito de Remonta, que José Amaro fez entrar na meta muito destacado dos restantes competidores. Era ele, de resto, o favorito.

Cinco cavalos e éguas nacionais, possuindo o ferro dos lavradores que os inscreveram, entraram na pista para a quarta corrida da tarde, intitulada «Fonte Boa».

A vitória coube a «Dália», com o ferro do dr. Emílio Infante da Câmara, que revelou magníficas qualidades e que foi montada por José Bolas. Em 2.º entrou «Hipótese» e em 3.º «Éxito», respectivamente com Ferreira Lima e Nuno do Rosário, o primeiro da Herdade do Pinheiro e o último dos Irmãos Robertos.

Seguiu-se a corrida «Iris», para montadas de todas as origens e procedências, que reuniu dois argentinos, do Depósito de Remonta, e dois nacionais da coudelaria Santos Jorge. Foi um destes — «Ninotchka» — que obteve a vitória, montado por Adelino e seguido de perto por «Sherazade», com Tonito.

A última corrida, a mais emocionante do dia, era de 2.400 metros e reuniu cinco cavalos argentinos, conduzidos por oficiais do exército.

O favorito era «Absténico», montado por Correia Barreto, que já dera públicas provas do seu valor. Quando da primeira passagem em frente das tribunas, seguia em 3.º lugar, a dois comprimentos do que galopava na vanguarda, mas ganhou terreno e não tardou em ultrapassá-lo. No seu encalce seguiu «Batedor», com Henrique Calado, e mais uma vez nesta época a luta entre os dois cavaleiros emocionou a assistência.

Na recta final «Batedor» passou para 1.º lugar e ganhou a prova, batendo o favorito. Para o 3.º posto da classificação entrou «Idolo», com Abrantes da Silva.

Assim terminou a 1.ª jornada das «Corridas de Outono» que a Sociedade Hípica organizou com a costumada probidade.

A segunda terá lugar no próximo domingo.

ANTAS TEIXEIRA

A Associação de Lisboa escolheu já o seleccionador, o sr. Acácio Rosa, a que ninguém contestará competência e dedicação para o desempenho do espinhoso encargo. De acordo com a Direcção Geral de Desportos, vai começar imediatamente a preparação dos «possíveis», que esta manhã se reuniram no campo de Campolide para um primeiro ensaio e que receberão, uma vez por semana, uma lição de ginástica apropriada, sob as ordens do professor Fernando Ferreira e a directa fiscalização do dr. Salazar Carreira.

**A** Associação de Lisboa, a cuja esforço pela propagação do «volley» se deve render homenagem, vai dar início no próximo domingo as últimas organizações da época — os «Torneios de Outono», destinados às primeiras categorias dos clubes da Divisão de Honra, da 1.ª Divisão e dos apurados no «Torneio Popular», e aos grupos da categoria de júniores.

Foram estas provas colocadas sob o patrocínio da Imprensa, respectivamente da STADIUM e dos nossos colegas da tarde «Diário de Lisboa» e «Diário Popular», disputando-se pelo sistema de eliminação até atingir as finais, que constituirão o programa do festival de encerramento da época.

Esta iniciativa oferece ocasião para os muitos amadores da modalidade poderem assistir a alguns encontros emocionantes e animados; embora seja de admitir que o conjunto dos grupos se ressentia, na sua eficiência, do longo período de interrupção desde o fim dos campeonatos, também é de ponderar, em contrário, que a maioria dos jogadores se manteve durante as férias na prática da modalidade, pois o «volley» constitui divertimento preferido em praças e estâncias de veraneio.

Todo o verão passou, aliás, sem quebra da actividade oficial do jogo: aos campeonatos das divisões seguiu-se o de júniores e a este o «Torneio Popular», que concluiu há duas semanas com a vitória do Algés e Dafundo, cujo mais directo rival foi a Académica, da Amadora. O encontro entre ambos os grupos, que se mostraram os dois dignos da vitória, pode ser classificado, sem favor, de excelente partida, que em nada mereceria em confronto com a média das exhibições dos clubes divisionários.

JOSÉ DE EÇA

## Acontecimentos da semana

**ATLETISMO** — O Belenense fez disputar provas inter-sócios, verificando-se os vencedores seguintes: Singulares — homens (médios) — J. Nunes dos Santos v. Seabra Pinto, 6-2, 4-6 e 6-3; Singulares — homens (tracos) — Pinao Martins v. Maia Saturnino, 3-6, 7-5 e 6-1; Singulares — senhoras — Jacqueline Faresse v. Nela Gorra, 6-4 e 6-2; Pares — homens (tracos) — J. Triadade e M. Thibonet v. M. Nunes Santos e F. Cabral, 8-6 e 6-2.

**HOCKEY EM PATINS** — As últimas partidas da «Taça de Honra-1934» deram triunfos ao Paço de Arcos (Sporting de Oeiras, 14-1) e Cascais (Ateneu Comercial 1-0).

**TENNIS** — Nos últimos «matches» dos torneios do Sporting, os resultados foram os seguintes: Singulares — homens (médios) — J. Nunes dos Santos v. Seabra Pinto, 6-2, 4-6 e 6-3; Singulares — homens (tracos) — Pinao Martins v. Maia Saturnino, 3-6, 7-5 e 6-1; Singulares — senhoras — Jacqueline Faresse v. Nela Gorra, 6-4 e 6-2; Pares — homens (tracos) — J. Triadade e M. Thibonet v. M. Nunes Santos e F. Cabral, 8-6 e 6-2.

**TIRO AO ALVO** — Nas últimas sessões de provas dos campeonatos da F. N. A. T., Alfredo Barreto, do Banco de Lisboa e Açores, totalizou 140 pontos, seguindo-se Mário Delgado (B. L. A.), com 147; João Denis (C. T. 32), com 141; e Max Mayer (Avenida Palace), com 140 pontos.

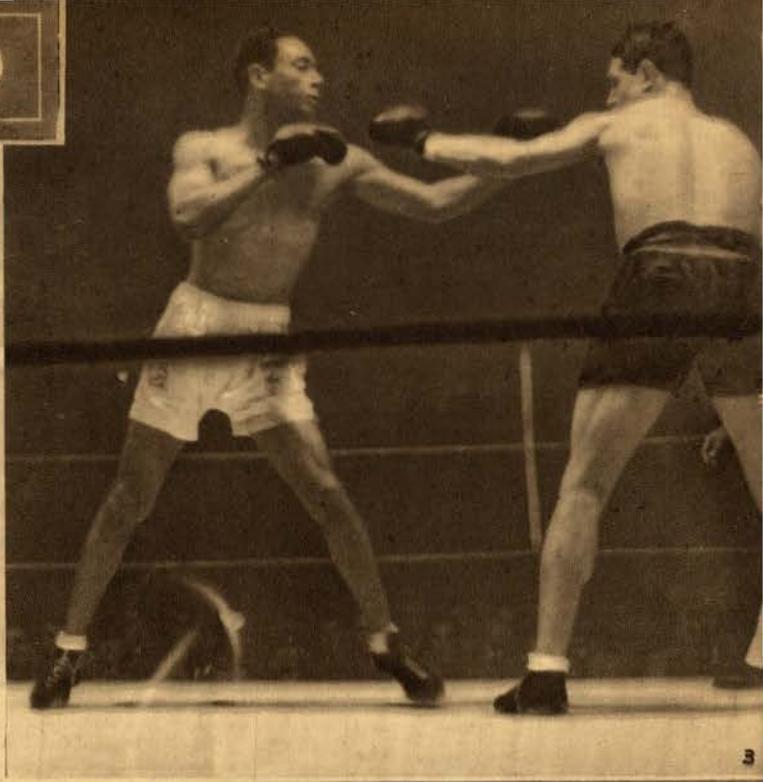
**VELA** — A «Fâmula Condusa», organização do Sport do Porto, foi ganha, respectivamente, por Cândido Mota Júnior-Albano Coadé e Cândido Mota Júnior-Antonio Brito Júnior, nas duas categorias.

— Seneses Pinto e Miguel Azevedo ganharam a prova «As do Espadas», no Porto, destinada a embarcações tipo «vau».

# Domingo DESPORTIVO



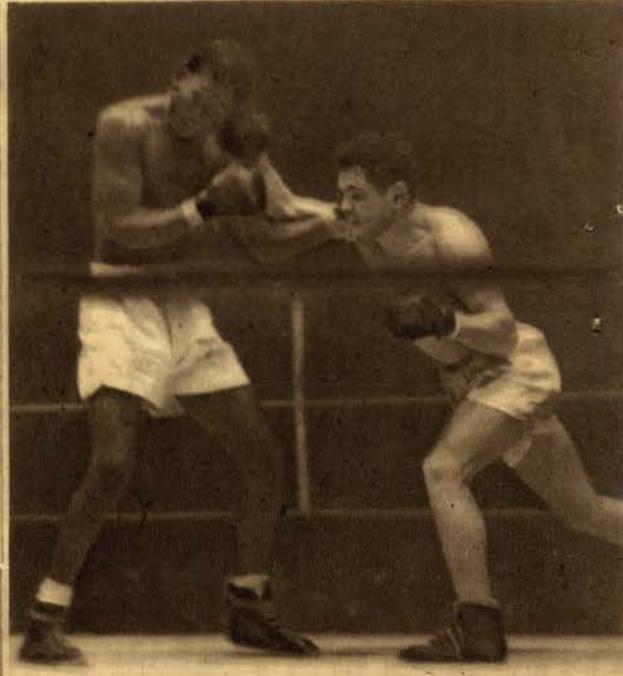
1



3



2



4

**HANDBALL** — Os jogos entre Benfica e Sporting, assim como outros desportos em que se disputam, encerram sempre particular interesse. Foi o que sucedeu no último domingo, no caso de "handball" efectuado entre os velhos rivais e a contar para o "Torneio de Absolutos". Esta feita, os "leões" venceram por 4-3. Nas gravuras (1 + 2) duas fases do encontro. **BOXE** — Na sessão de domingo no Parque Mayer: 3 — Instantâneo colhido no sumbete entre Wilson e Figueiredo; 4 — Reberião castigando Wilson. **ATLETISMO** — O Belasneses começou a preparação dos seus atletas para futuras competições. No domingo organizou um torneio inter-sócios e simpatizantes, do qual publicamos o grupo dos concorrentes (5) e a chegada dos 800 metros (6)

6



# PORTUGAL DESPORTIVO



**EM TOMAR:** 1 - Grupo de jovens nadadoras do Sporting, que frequentaram as escolas do clube na última temporada; 2 - O grupo de honra do Sporting, que conquistou na época passada a taça «Dr. António Martins», instituída pela Associação de Futebol de Santarém. **EM ELVAS:** 3 - A equipa de reserva do Sport Lisboa e Elvas, detentora da taça «José Morais Soares». **EM ALCACÉR:** 4 e 5 - Os populares jogadores do Independente F. C., Manuel Tavares (defesa) e César Mira (médio-centro). **EM SANTA COMBA DÃO:** 6 - O «team» das Pingüins do Dão, que figura entre os mais categorizados da região. No primeiro, a contar da esquerda, Sousa, Taborda, Sidónio, Chico e David; no segundo, pela mesma ordem, João, Mourão, Eduardo, Figueiredo, Benedito, Carlos, A. Augusto e o director Neves. **EM PENACOVA:** 7 - A equipa do Desportivo Penacovense, constituída por A. Viseu, J. Luis, J. Graça, L. Reis e dr. Aristides (no primeiro plano) e C. Leitão, director, C. Menezes, M. Viseu, A. Ribelho, J. Cabral, J. Pimentel, M. Ferreira e A. Leitão, presidente do clube. **EM MONTE-MOR-O-NOVO:** 8 - O grupo de honra do União Sport, apurado já vencedor do campeonato do distrito de Évora: A frente, H. Macau, S. Macau, Amaral, R. Passcoal e F. Gatinho; de pé, M. Joaquim, J. Rodrigues, C. Rodrigues, Gatinho, Rita, Patrício Gatinho e Francisco Gatinho.





**DR. D. ANTÓNIO DE LANCASTER**

primeiro representante do Comité Internacional Olímpico em Portugal

**F**ALECEU na passada semana o dr. D. António de Lancaster, fidalgo da melhor estirpe, já pela sua ascendência genealógica, já pela finura e elegância de seu trato. Era um palaciano, na verdadeira acção do termo. E era também um homem de ciência, dos mais ilustres do seu tempo. Formou-se com brilhantismo na antiga Escola Médica de Lisboa e mais tarde foi professor da Escola de Medicina Tropical, tendo exercido inúmeros cargos de relevo, entre os quais o de presidente da Sociedade de Ciências Médicas.

Foi médico do Papa, tendo acompanhado os reis em diversas viagens no estrangeiro.

Mas — e essa foi uma faeta bem curiosa na sua longa vida — D. António de Lancaster deixou o seu nome ligado, para sempre, à introdução dos desportos em Portugal. Na corte, o ambiente era favorável. D. Luís, entusiasticamente devotado à prática dos desportos náuticos — foi presidente da assembleia geral da «velhinha Associação Naval Unida», um espírito desportivo e desportivo. D. Carlos, rei culto e amigo dos desportos, é próprio desportista praticante, não descurou a parte da cultura física na educação dos príncipes, Mestre António Martins, por exemplo, ensinou esgrima no Povo.

D. António de Lancaster vigiava como médico as actividades desportivas dos príncipes. Não era um praticante — mas estava dentro da matéria.

E por isso, quando em 1906, no Palácio do Eliseu, em Paris, o Barão Pierre de Coubertin perguntou ao rei D. Carlos quem lhe indicava para o «seu» Comité Internacional, o penúltimo dos nossos monarcas não hesitou e deu o nome prestigioso do dr. António de Lancaster, que foi, assim, o primeiro representante do C. I. O. em Portugal.

A época, porém, era má. A agitação política, a morte do rei, o mudança de regime, traziam o ambiente excitado e, muito embora o desporto não tenha com a política, a verdade é que o dr. António de Lancaster não pôde exercer a sua acção como se teria exercido em época mais calma. Demittiu-se do seu cargo, em 1912 — mas nunca esqueceu o ideal olímpico. E ainda muito recentemente, quando da comemoração do 50.º aniversário do olimpismo moderno, lhe foi prestada homenagem no decorrer de um banquete, ao qual desejou comparecer até à última hora. Já não lhe foi possível. Era o fim. Mandou uma carta amabilíssima, em que recordou o seu papel pelo olímpico. E assim desapareceu, com 87 anos, um varão ilustre, que muito de perto acompanhou o desporto naquele período em que, ainda balbuciante, nasceu em Portugal — uma época cuja história, nesse aspecto, está por fazer.

No funeral, o Comité Internacional Olímpico fez-se representar, oficialmente, pelo dr. José Pontes. A ilustre família enlutada apresentou a expressão sincera do nosso pesar.

**D. Maria Luiza de Salazar Carreira**

Também na passada semana tivemos o desgosto de registar o falecimento do Sr.º D. Maria Luiza de Salazar Carreira, um dos nossos distintos colaboradores e querido amigo. O Sr.º D. Salazar Carreira, em 1912 — nos termos da Direcção Geral de Desportos.

Profundamente abalado pelo rude choque sofrido, o dr. Salazar Carreira viu desde logo junto de si inúmeras individualidades e amigos, que lhe testemunharam o seu sentido desgosto em expressiva manifestação de aflicção sincera, prova de quanto apreciava as suas grandes qualidades de carácter.

E nos impossibilitou reproduzir os nomes de todas as pessoas que estiveram em casa de Salazar Carreira ou acompanharam depois o fétreto no cemitério oriental. Citemos, contudo, os sr.ºs, tenente-coronel Sacramento Monteiro, ilustre director geral de Educação Física e Desportos, tenente-coronel Oton de Freitas, capitão Carlos de Campos André, António Cardoso e Celatino Marques Pereira, dr. José de Ayala Botto, dr. Guilherme de Matos, director da Stadium, dr. Barreira de Campos, tenente Alberto Marques Pereira, etc.

No funeral, Stadium e o seu director estiveram representados pelo nosso camarada Avelar Machado, que recebeu idêntico encargo da Federação Portuguesa de Esgrima.

Retiramos do nosso estimado companheiro de trabalho, e o toda a família enlutada, o nosso profundo sentimento de pesar.

Augusto L. Paula

Faleceu há dias, repentinamente, o sr. L. Augusto Paula, comerciante e pai do sr. dr. Vergílio Paula, secretário geral da Federação Portuguesa de Futebol. Stadium apresenta ao conhecido dirigente as suas sinceras condolências.

**Oficina de Calçado Desportivo do BEATO de DANIEL TEIXEIRA**

Especializado em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e «Mocidade Portuguesa».

TELEFONE 38 298

**CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5 LISBOA**

**Coronel Silvão Loureiro**

Foi nomeado comandante geral da Polívia de Segurança Pública o sr. coronel Raúl Silvão Loureiro, oficial distinto e possuidor de larga folha de serviços, com inúmeros louvores pelo maneira como se desempenhou das respectivas comissões.

O sr. coronel Silvão Loureiro, verdadeiro homem de desporto, é uma figura bem conhecida nos meios de Educação Física, à qual tem dedicado grande soma de útil actividade. Quando comandante da extinta Escola de Educação Física do Exército desenvolveu acção notável, que prosseguiu como membro da Comissão Superior de Educação Física do Exército e como presidente da Federação Portuguesa de Esgrima — prestando então a esse desporto, entre outros, o talanteiro serviço de conseguir os meios materiais necessários para que a equipa nacional de espada pudesse ir a Lisboa disputar os campeonatos do Mundo — vlegem infelizmente interrompido devido à eclosão de guerra.

STADIUM congratula-se com a distinção de escolhe de que foi objecto o sr. coronel Silvão Loureiro e apresenta-lhe as suas melhores saudações.

**Boxe no Parque Mayer**

(Continuação da página 10)

ciando-se a rapidez dos golpes de Larzen. O moçambicano aplica uma série em «um-dois» mas encaixa alguns duros sócos no tronco. No assalto seguinte, Figueiredo domina levemente, graças a dois «swings» à cara e um bom golpe no peito. No terceiro assalto, Figueiredo — com o lado esquerdo sempre descoberto e a convidar o punho do contrário... — é colhido por um curto e bem aplicado murro no queixo. Visivelmente abalado, em aparente embriaguês, segura-se ao antagonista para não cair. Larzen prodigaliza os seus esforços mas, ainda que dominando amplamente, não abate o adversário.

No 4.º e 5.º assaltos viu-se a incapacidade de Larzen repetir a proeza, mas este continua a evidenciar-se superior. Figueiredo mostra ainda sinais de atordoamento. No 6.º e 7.º assaltos, os «corpo-a-corpo» sucedem-se com algumas irregularidades evidentes de Larzen e golpes duros de Figueiredo, ao tronco. O último assalto é semelhante aos anteriores e a decisão, a favor de Larzen, indiscutível.

As arbitragens e as decisões, a cargo dos árbitros atrás nomeados, corresponderam à nossa expectativa e não merecem qualquer reparo. Quanto a Figueiredo, fez menos do que esperávamos.

**Futebol de Norte a Sul**

(Continuação da pág. 7)

1-1; Sporting de Tomar — União de Tomar, 3-1; Alcanenense — Rossio de Abrantes, 3-0; Matrena — Ferroviários, 1-1.

VISEU — Rodiosenses e Tondelenses derrotaram-se, mais uma vez, para o campeonato distrital de futebol. Os de Rodiosa, merecidamente, retiraram por 3-1.

SETUBAL — Da ante penúltima jornada resultou a fixação do Amora no quarto posto, agora isolado com dois pontos de diferença do quinto, e a tentativa frustrada do Luso para fugir da cauda da classificação.

Sabíamos que os «lustranos» iam para Amora com a vontade firme de não trazerem a «lasterna vermelha». De facto, empregaram-se arduamente e, embora estivessem durante o jogo sempre em vantagem, só no último minuto se convenceram da sua desdita... O Amora ganhou (3-2) — e bem. Foram mais energias e prontos no remate, se bem que num dos seus «goals» tivesse havido colaboração do guarda rédes visitante, em certo golpe infeliz.

O Barreirense bateu a Cut por 3-0, marca obtida no segundo tempo, o que quer dizer que a primeira parte, foi equilibrada. Via-se razoável desenvolvimento técnico de jogo, vencendo o «team» que gizou melhores lances de ataque e pôs maior empenho na luta.

Os setubalenses colleccionaram mais uma vitória, desta vez sobre o Seisal (4-1). Os campeões seguem triunfalmente a sua carreira, para o que muito tem contribuído a excelente formação dianteira, sem dívida a melhor do distrito.

O Onze Unidos adicionou os três pontos da ordem, pois competia-lhe de frontar o Arrental, suspenso, como se sabe.

**Ciclo-Turismo**

Tendo sido anuladas as provas efectuadas em 27 de Agosto para disputa do campeonato regional de regularidade, a Associação de Ciclismo do Sul vai organizar novo campeonato, em 12 de Novembro próximo.

A inscrição está aberta na sede daquele organismo, na rua Barros Queiroz, 39-1.º, encerrando-se no dia 11, às 22 horas.

**O V TORNEIO DE VERÃO**

O «V Torneio de Verão», prova extra-oficial do Grupo de Xadrez de Lisboa, facultativa a todas as categorias, demarcou mais uma vez o começo de nova época. É caracteristicamente o torneio *pedra de toque* dos jogadores da capital.

Francisco Lupi, campeão de Lisboa, foi o vencedor, obtendo um do... mais expressivos êxitos da sua notável carreira. A vitória esteve longe de ser fácil, pois F. Lupi viu-se obrigado a superar a tenaz resistência que lhe opuseram alguns dos adversários, principalmente Carlos Pires, dr. Peter Braumann e dr. Gabriel Ribeiro. Iniciou a pugna com o seu quê de infelicidade (uma derrota e um empate, que comprimeiam as suas legítimas aspirações), mas conseguiu alcançar e bater, na penúltima sessão, o conhecido Peter Braumann, favorito do torneio quasi desde o começo.

Este jogador foi de facto adversário difícil. Tendo recuperado grande parte da sua antiga forma, desde as primeiras jogadas que tomou apreciável ascendente sobre os mais directos competidores, sem conseguir, porém, concretizar essa superioridade.

O dr. Gabriel Ribeiro foi um bom terceiro classificado. A conhecida sobrefidelidade do seu estilo continua a revelar notória tendência para os empates prematuros — fez 4 empates... Nandim, Carlos Carvalho, Carlos Pires e Araújo Pereira empataram para o quarto lugar, sendo necessário recorrer à table Sonnhora Berger para desfazer aquele empate e obter o resultado indicado pela ordem em que os citamos.

Nandim, favorecido no referido desempate, é jogador de excelentes qualidades, que voltou ao lado de alguns anos de quasi total afastamento. A sua actualção, com boas e más partidas, satisfaz, atendendo ao natural desreio. Uma vez em forma, o seu jogo ganhará decerto solidez — e por consequência os resultados apreciarão mais positivos e concluintes.

Carlos Pires continua a atrair as atenções gerais, inicialmente, porém, em sentido menos lisonjeiro. Os continuos reveses do campeonato nacional são de considerar. Nas actuais circunstâncias é possível achar a justificação num simples facto: não se pode ser, a um tempo, jogador e dirigente, sem que um dos campos de actividade deixe de ser prejudicado... O Campeonato de Portugal não vem logo. Conseguirá Carlos Pires recuperar, se não a plenitude, pelo menos o mínimo de recursos para defender criteriosamente o seu título? Estamos certos de que sim, pois não é de admitir a hipótese de estarmos perante um caso de declínio.

Araújo Pereira teve desta vez comportamento à altura dos seus créditos. A classificação, talvez demasiado alta em relação à sua actual forma, baralhou todos os prognósticos, sem contudo vermos os seus méritos demitidos, pelo interesse e sentido prático patenteados da partida. Vasco Santos teve começo feliz, excepto em um ou dois jogos inferiores, mas fraquejou nas últimas partidas, um tanto inesperadamente, ficando algo deslocado na tabela da classificação, através da qual se reconhece a sua irregularidade. Gabriel Russel comanda o segundo grupo de classificados — os que não obtiveram a percentagem dos 50% e não entraram na lista dos premiados. Russel deve ter feito um dos piores torneios da sua carreira. Aguardamos qualquer próximo torneio, onde poderá reabilitar-se deste fracasso. Lavrigues, coquetamente revelou pouca categoria de conjunto, tendo comportamento muito razoável. A exibição de Alberto Mesquita também satisfaz. O temperamento é factor importante na decisão dos seus jogos. Finalmente, a modestíssima classificação de J. Casimiro Vinagre toraceu uma das surpresas do torneio. Deve fillar-se em motivos de saúde, pois outra coisa não pode depreender-se do facto de haver chegado a ter ganhos ou empatados a maioria dos seus jogos.

**Louvavel Iniciativa do SPORTIVO DE PEDROUCOS**

O activo Clube Sportivo de Pedroucos pede-nos que noticiemos que, em propósito de facultar a prática da ginástica a todas as pessoas, mais ou menos, do bairro de Belém, Pedroucos e Algos, decidiu abrir inscrição gratuita no seu ginásio a todos os interessados, mesmo na hipótese de não serem sócios do Clube Sportivo de Pedroucos. Tomamos esta resolução atendendo à circunstância de dispormos de um bom ginásio, dirigido pelo professor Joaquim Costa Albuquerque, com capacidade para muitos alunos, e de alguns, instalados que, no que a maior parte dos clubes locais não possuem. Assim, parece-nos justo facultar as nossas instalações, de modo que toda a população delas possa aproveitar-se, querendo.

É-nos muito agradável atender o pedido do simpático clube. A sua resolução é deveras útil e posta em prática com interesse que muito o honra.

Resta acrescentar que as inscrições são recebidas na secretaria do Pedroucos, todos os dias úteis, das 22 às 0 horas.

Ano II—Lisboa, 8 de Novembro de 1944—II Série—N.º 101

**STADIUM**  
REVISTA DESPORTIVA  
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
TELEFONE 5 1146—LISBOA  
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA  
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# A Semana Desportiva

## NO NORTE



FUTEBOL: 1 — No jogo F. C. Porto-Bonavista, Correia Dias passa a bola a Araújo, que remata pronto; 2 — No encontro Salgueiros-Lega, Paulista marca o 2.º gol dos salgueiristas — o da vitória. HOCKEY EM CAMPO — Começou o campeonato regional do Porto; 3 — No desafio entre o Académico e o Vilanovense, o atacante do segundo defende com oportunidade. BASKETBALL: 4 — A defesa do Académico em apuro, no seu jogo com o Vasco da Gama. O 68.º ANIVERSÁRIO DO FLUVIAL PORTUENSE. 5 — Aspecto colhido no banquete de confraternização.

CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE GOLF EM ESPINHO: 6 — Ana Maria Perogondo, campeã de Espanha; 7 — Santiago, dos melhores jogadores espanhóis, acaba de despatchar a bola, cuja trajectória é seguida com interesse; 8 — Visconde de Peralva Machado, conhecido jogador nacional.



**Chaves** de todos os modelos

Perdiu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**

de

**Amadeu Gomes da Fonseca**

R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) ☎ Tel. 30055

A MARCA QUE EU VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS